



SELO DA PROMESSA – MAYKON RIBEIRO

“Uso pessoal. Proibida reprodução ou compartilhamento — Lei 9.610/98.”

Sumário

+ Introdução

+ Princípios Orientadores

+ Fundamentos Doutrinários

1. Ensino Religioso Infantil e a Igreja

- As Crianças fazem parte da Comunidade de Fé
- Unidade na Igreja & Uniformidade no Ensino
- Culto Público e seus limites Pedagógicos
- Ensino Infantil em Espaço Adequado
- Complementariedade ou Oposição?
- Conclusão

2. A Criança na Teologia Bíblica e no Plano Redentor

- Crianças na Criação e na Queda
- Crianças na História de Israel
- A Instrução no Antigo Testamento
- Jesus e as Crianças nos Evangelhos
- Crianças na Igreja Primitiva
- Conclusão

3. O culto Público e a Natureza Didática

- O Culto Segundo as Escrituras
- A Dimensão Didática do Culto
- Pressupostos Pedagógicos do Culto
- Os Limites Pedagógicos do culto e o cuidado pastoral
- O Ensino Infantil como reconhecimento da natureza do culto
- Conclusão

4. Ensino diferenciado como Princípio Bíblico

- O ensino progressivo na revelação divina
- Jesus e o ensino contextualizado
- Leite e alimento sólido: maturidade espiritual e ensino
- A responsabilidade dos pais e o ensino diligente
- Ensino diferenciado e a edificação do Corpo
- Conclusão

5. Pedagogia Cristã e a Infância

- O desenvolvimento cognitivo infantil e a formação espiritual
- Atenção, linguagem e abstração na infância
- O papel da repetição e da narrativa bíblica
- Música, visualidade e participação no ensino cristão
- Pedagogia básica a serviço da teologia reformada da instrução
- Conclusão

6. Escola Bíblica Infantil na Tradição Batista

- Surgimento e Finalidade espiritual
- A Ênfase Batista na Instrução Bíblica
- Catequese, Discipulado e Formação infantil
- A Responsabilidade da Igreja Local
- Conclusão

7. Pais e Igreja, Responsabilidade Compartilhada

- O Papel dos Pais
- O Papel da Igreja
- Cooperação, Não Terceirização
- Ensino no Lar e na Igreja
- Conclusão

8. Unidade da Igreja e Maturidade Cristã

- Quando e como Integrar Crianças no Culto
- Transição Pedagógica
- Ensino da Reverência
- Preparação para a Participação Plena
- Conclusão

9. Conclusão Geral

- Síntese Teológica
- Apelo Pastoral
- Visão de Longo prazo da Igreja

10. Apêndice I

- A Igreja como Comunidade de Edificação
- O Culto e a Centralidade da Palavra
- A Família como Instituição Espiritual
- Os Meios de Graça e a Formação
- Conclusão

11. Apêndice II

- Faixa: 3 a 5 anos — Fundamentos da Fé
- Faixa: 6 a 8 anos — História da Redenção
- Faixa: 9 a 11 anos — Fundamentos Doutrinários
- Faixa: 12 a 14 anos — Preparação para o Culto
- Conclusão

12. Apêndice III

- Chamado Espiritual do Professor
- Centralidade da Bíblia
- Linguagem Apropriada
- Postura Pastoral
- Cooperação com os pais
- Conclusão
-

13. Apêndice IV

- Os pais são os primeiros mestres
- Use o ensino da igreja como ferramenta
- Prepare seus filhos para o culto
- Modele a fé
- Conclusão



Introdução

A forma como a Igreja lida com suas crianças revela muito mais do que preferências organizacionais; revela sua compreensão do Evangelho, da natureza do culto e da responsabilidade de transmitir a fé às próximas gerações. Em um contexto no qual debates acalorados têm surgido sobre a presença das crianças no culto público e sobre a legitimidade do ensino religioso infantil em espaços próprios, torna-se necessário retornar às Escrituras e à fé histórica da Igreja para uma reflexão séria, equilibrada e pastoral.

Este E-Book nasce da convicção de que as crianças pertencem ao povo de Deus, são alvo do cuidado pastoral da Igreja e devem ser instruídas diligentemente na fé cristã. Ao mesmo tempo, reconhece-se que a Bíblia e a tradição batista reformada nunca defenderam uma uniformidade de métodos no ensino da Palavra, mas sempre afirmaram a necessidade de edificação segundo a capacidade e maturidade de cada pessoa.

A Confissão de Fé Batista de 1689, ao tratar da Igreja, do culto e dos meios de graça, estabelece princípios claros que orientam a vida comunitária do povo de Deus. Esses princípios afirmam tanto a centralidade do culto público quanto a responsabilidade da Igreja em promover a instrução, a edificação e o crescimento espiritual de seus membros. À luz dessa confissão, ensinar crianças de forma adequada à sua faixa etária não é uma concessão à modernidade, mas uma aplicação fiel da doutrina cristã à realidade da infância.

As Escrituras demonstram que Deus sempre utilizou um ensino progressivo, contextualizado e intencional. O mesmo Cristo que proclamava o Reino às multidões também instruía seus discípulos em particular; o mesmo apóstolo que pregava publicamente também ensinava “de casa em casa”. Esse padrão bíblico aponta para uma pedagogia que respeita o estágio de desenvolvimento espiritual e intelectual dos ouvintes, sem jamais comprometer a verdade do Evangelho.

Dessa forma, este livro não se propõe a negar a importância da participação das crianças na vida da igreja, nem a minimizar o valor do culto público. Pelo contrário, busca demonstrar que o ensino religioso infantil, quando realizado em espaço apropriado, com fundamento bíblico e confessional, prepara as crianças para uma participação consciente, reverente e madura no culto congregacional, no tempo oportuno.

Ao longo dos capítulos, o leitor será conduzido por uma reflexão que une teologia bíblica, confissão histórica e princípios pedagógicos, mostrando que ensinar crianças é um ato de amor, formar discípulos é um dever da Igreja, e cuidar da infância é investir na fidelidade das próximas gerações.

Que este material sirva como instrumento de edificação para pastores, líderes, professores de Escola Bíblica Dominical, pais e igrejas locais, auxiliando-os a cumprir com fidelidade a ordem do Senhor: transmitir às gerações futuras as grandes obras de Deus, para que cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.



Princípios Orientadores

I. Diretrizes Teológico-Pedagógicas

Aqui iremos trazer uma abordagem comparativa entre a participação da criança no Culto Público e no ensino em um espaço próprio.

A discussão sobre como ensinar crianças na Igreja não pode se limitar à pergunta sobre onde elas devem estar. À luz das Escrituras e da Confissão de Fé Batista de 1689, é necessário estabelecer critérios claros que orientem tanto a participação das crianças no culto público quanto o ensino realizado em espaços apropriados. Trata-se de práticas complementares, não concorrentes.

II. A Participação da Criança no Culto Público

O culto público é o ajuntamento solene do povo de Deus para adorar segundo os meios de graça instituídos por Ele (CFB 1689, cap. 22). A participação das crianças nesse contexto deve ser formativa e progressiva, respeitando sua maturidade.

❖ Objetivos pedagógicos no culto

- Introduzir a criança à reverência, à ordem e à centralidade de Deus;
- Familiarizá-la com os elementos do culto (oração, leitura bíblica, cânticos);
- Ensinar, por observação, o valor da comunhão e da adoração congregacional.

❖ Procedimentos adequados

- Presença acompanhada por pais ou responsáveis;
- Explicações simples e breves sobre o que está acontecendo;
- Participação parcial e gradual, conforme a idade e a capacidade de atenção;
- Integração planejada em momentos específicos do culto (leitura responsiva simples, cânticos apropriados).

Nesse contexto, o culto não deve ser transformado para atender às limitações infantis, mas a criança deve ser preparada para compreendê-lo ao longo do tempo. O culto forma pela repetição, pela observação e pela solenidade.

III. O Ensino Infantil em Espaço Adequado

O ensino em espaço próprio tem natureza didática e catequética, distinta do culto. Seu propósito é comunicar as verdades da fé de modo compreensível, intencional e estruturado.

❖ Objetivos pedagógicos no ensino separado

- Ensinar as doutrinas centrais da fé cristã em linguagem acessível;
- Desenvolver hábitos espirituais (oração, escuta da Palavra, memorização bíblica);

- Formar a consciência cristã e o amor pelas Escrituras;
- Preparar a criança para futura participação consciente no culto público, ou seja, o nosso culto racional.

❖ Procedimentos adequados

- Uso de narrativas bíblicas, repetição e recursos visuais;
- Linguagem concreta e exemplos do cotidiano;
- Participação ativa da criança no processo de aprendizagem;
- Estrutura curricular progressiva, respeitando faixas etárias.

Esse ensino não substitui o culto, mas serve ao culto, preparando a criança para nele participar com entendimento, reverência e alegria.

IV. Diferenças Essenciais entre Culto e Ensino Infantil

- **Aspecto** – Natureza
- **Culto Público** – Adoração congregacional
- **Ensino Infantil** – Instrução Formativa

- **Aspecto** – Linguagem
- **Culto Público** – Teológica e solene
- **Ensino Infantil** – Simples e concreta

- **Aspecto** – Método
- **Culto Público** – Proclamação e meios da Graça
- **Ensino Infantil** – Didática e catequese

- **Aspecto** – Participação da Criança
- **Culto Público** – Gradual e acompanhada
- **Ensino Infantil** – Ativa e direcionada

- **Aspecto** – Finalidade
- **Culto Público** – Glorificar a Deus e edificação do Corpo
- **Ensino Infantil** – Formação para maturidade espiritual

Confundir essas naturezas gera prejuízos tanto ao culto quanto à formação infantil.

V. Unidade Pedagógica e Pastoral

Quando a Igreja compreende essas distinções, ela evita dois extremos igualmente nocivos: excluir crianças do convívio comunitário ou exigir delas uma participação para a qual ainda não estão preparadas. O caminho bíblico é o da unidade com discernimento.

Pais e Igreja cooperam nesse processo. O lar reforça o ensino recebido; a Igreja oferece estrutura, acompanhamento e comunidade. Assim, a criança cresce em um ambiente coerente, no qual culto e ensino caminham juntos.

VI. A Relação entre Culto Público e Ensino Infantil

A relação entre a participação da criança no culto público e o ensino realizado em espaço apropriado não é de oposição, mas de progressão formativa. O ensino infantil separado existe justamente para preparar a criança, ainda em sua condição infantil, para estar no culto público de maneira cada vez mais consciente, reverente e participativa.

O culto público não tem como finalidade principal ensinar como adorar, mas adorar a Deus segundo os meios por Ele instituídos. A criança aprende a adorar, em grande parte, antes de compreender plenamente o que ocorre no culto. Essa aprendizagem inicial acontece por meio da observação, da imitação e da repetição. Contudo, para que essa observação não seja vazia, o ensino infantil fornece as categorias básicas que dão sentido ao que é visto no culto.

No ensino separado, a criança aprende, por exemplo:

- Quem é Deus e por que Ele é adorado;
- O que é oração e por que oramos juntos;
- O que é a Bíblia e por que ela é lida no culto;
- Por que cantamos louvores congregacionais;
- O que significa ouvir com atenção a Palavra de Deus.

Esses conteúdos, não são plenamente assimiláveis no ambiente solene e abstrato do culto público, mas tornam-se compreensíveis quando ensinados de forma pedagógica, concreta e repetitiva. Assim, quando a criança está presente no culto, ela não está diante de um evento estranho, mas de uma realidade previamente explicada e espiritualmente contextualizada.

❖ A Formação Precede a Participação Plena

Biblicamente, a formação precede a participação madura. O princípio paulino do "leite" antes do "alimento sólido" (1Co 3.1–2) aplica-se diretamente à infância. O ensino infantil separado oferece esse "leite" doutrinário inicial, preparando a criança para receber, no tempo oportuno, conteúdos mais densos e participar mais ativamente do culto.

Nesse sentido, o ensino separado não adia o culto, mas antecipa sua compreensão. Ele constrói o alicerce que permitirá à criança, ainda sendo criança, permanecer no culto com maior atenção, menor dispersão e crescente reverência.

❖ Presença Gradual e Intencional no Culto Público

À medida que a criança é instruída, sua presença no culto público deixa de ser apenas circunstancial e passa a ser intencional e pedagógica. A Igreja, então, pode promover uma integração gradual:

- Permanência parcial no culto;
- Participação em momentos específicos (cânticos, leitura simples);
- Explicações prévias no ensino infantil sobre o que será vivido no culto.

Dessa forma, o culto não se torna infantilizado, nem o ensino infantil se torna isolado da vida da igreja. Ambos caminham juntos em um processo formativo contínuo.

❖ Síntese da Relação

Portanto, a relação entre ensino separado e culto público pode ser resumida da seguinte forma:

- O ensino infantil explica o culto;
- O culto confirma o ensino;
- O ensino prepara para a presença;
- O culto dá sentido ao que foi ensinado;

- Não se trata de escolher entre culto ou ensino separado;
- Trata-se de entender que um prepara e o outro consoma.

➤ **Vejam os:**

- O culto forma pela reverência e pela participação progressiva;
- O ensino infantil forma pela instrução intencional e compreensível;
- Ambos são necessários e complementares;
- O objetivo final é conduzir a criança à maturidade cristã e à participação consciente no Corpo de Cristo.

Essa abordagem preserva a santidade do culto, honra a infância e cumpre o mandato bíblico de transmitir fielmente a fé às próximas gerações.

➤ **Falando teologicamente:**

- A formação precede a participação plena **1Co 3; Hb 5**);
- O culto é meio de graça, não ambiente catequético primário;
- A infância precisa de mediação pedagógica para acessar a solenidade do culto.

Essa dinâmica preserva a santidade do culto, respeita a infância e cumpre o mandato bíblico de formar discípulos desde cedo.

6º Síntese Final

À luz das Escrituras e da confissão de Fé Batista, conclui-se que:

- O culto forma pela reverência e pela participação progressiva;
- O ensino infantil forma pela instrução intencional e compreensível;
- Ambos são necessários e complementares;
- O objetivo final é conduzir a criança à maturidade cristã e à participação consciente no Corpo de Cristo.

Essa abordagem preserva a santidade do culto, honra a infância e cumpre o mandato bíblico de transmitir fielmente a fé as próximas gerações.

O que essa parte deixa claro, e com precisão bíblica:

- ✓ O ensino separado não substitui o culto, ele serve ao culto;
- ✓ A criança aprende primeiro o sentido do culto, para então vive-lo;
- ✓ O ensino infantil fornece as categorias teológicas básicas que dão significado à experiência do culto;
- ✓ A presença da criança no culto deve ser gradual, intencional e pedagógica, não acidental.

O que precisamos entender então sobre essa ideia central:

- ✓ O ensino infantil explica o culto; o culto confirma o ensino.

Se conseguirmos entender isso, toda a tensão de cada debate sobre o assunto se resolve. Por que?

- ✓ Não se trata de escolher entre culto ou ensino separado, mas sim de se entender que um prepara e outro consoma.

Então teologicamente, estamos afirmando que:

- ✓ A formação prece a participação plena (1 Co 3; Hb 5);
- ✓ O culto é meio da Graça, não ambiente catequético primário;
- ✓ A infância precisa de mediação pedagógica para acessar a solenidade do culto.



Princípios Doutrinários

CAPÍTULO 1

Ensino Religioso Infantil e a Igreja: Uma Defesa Bíblico-Confessional

A discussão sobre o lugar das crianças na vida da igreja frequentemente é conduzida por extremos: ou se exige que a criança participe do culto público como um adulto em miniatura, ou se afasta completamente a criança do culto em nome da ordem, do silêncio ou da praticidade. Ambas as posturas revelam uma compreensão inadequada tanto da natureza da igreja, quanto da infância à luz das Escrituras.

Este capítulo tem como objetivo estabelecer, de forma bíblica e confessional, que o ensino religioso infantil não é uma concessão moderna nem uma solução pragmática, mas uma prática coerente com a doutrina cristã histórica. Ao mesmo tempo, afirmamos que a presença das crianças na comunidade da fé não exige uniformidade de método, mas fidelidade aos princípios revelados por Deus.

❖ As crianças fazem parte da comunidade da fé

A Escritura apresenta as crianças como membros reais da comunidade do povo de Deus. Desde o Antigo Testamento, os filhos eram incluídos na vida religiosa do povo:

“Congregai o povo, homens, mulheres e crianças...” (Dt 31.12)

A Bíblia é bem clara ao tratar sobre o assunto, e apresenta a comunidade do povo de Deus como uma realidade que envolve gerações. Como já observamos, desde o Antigo Testamento, a aliança divina não se restringe a indivíduos isolados, mas alcança famílias e descendências.

Em **Gênesis 17.7**, Deus declara a Abraão que Sua aliança se estenderia a ele e à sua descendência, estabelecendo um princípio pactual que atravessa toda a revelação bíblica.

Em **Deuteronômio 6.6–7**, o Senhor ordena que Sua Palavra seja ensinada diligentemente aos filhos, integrando a formação espiritual das crianças à vida cotidiana do povo. O ensino não é apresentado como uma atividade paralela ou opcional, mas como parte da identidade do povo da aliança.

Na nova aliança, Cristo confirma essa inclusão ao afirmar:

“Deixai vir a mim os pequeninos... porque dos tais é o Reino de Deus”
(Mc 10.14)

Vamos observar que no Novo Testamento, essa compreensão é reafirmada. Jesus não apenas acolhe as crianças, mas as coloca como exemplo diante dos discípulos (**Mc 10.13–16**). Em **Atos 2.39**, Pedro afirma que a promessa do evangelho alcança os ouvintes e seus filhos, indicando que a comunidade da fé inclui, sob cuidado e responsabilidade espiritual, também os pequenos.

Portanto, afirmar que crianças fazem parte da comunidade da fé não significa pressupor maturidade espiritual plena, mas reconhecer que elas estão incluídas no âmbito do discipulado, do ensino e do cuidado pastoral da igreja. Portanto, separar crianças para ensino não significa excluí-las da igreja, mas reconhecer sua participação real no corpo e sua necessidade de cuidado pastoral específico.

❖ **A unidade da Igreja não exige uniformidade de método**

A Confissão de Fé Batista de 1689, ao tratar da Igreja (**capítulo 26**), afirma que a igreja visível é composta por todos aqueles que professam a fé verdadeira, sendo chamados a viver em comunhão, amor e ordem. Essa unidade, porém, não é definida pela uniformidade absoluta de práticas secundárias, mas pela submissão comum à Palavra de Deus e à autoridade de Cristo como Cabeça da Igreja.

“Os santos são unidos... em comunhão no culto e na edificação mútua” (CFB 1689, cap. 26.1)

O Novo Testamento apresenta uma igreja una em essência, mas diversa em dons, funções e formas de edificação (1Co 12). Esse princípio se aplica também aos métodos de ensino. A Escritura não impõe um único formato pedagógico para todas as faixas etárias, mas estabelece o mandamento de ensinar, instruir e formar na fé.

Exigir que crianças aprendam exclusivamente da mesma forma que adultos ignora tanto a realidade do desenvolvimento humano, quanto a sabedoria pedagógica implícita nas Escrituras. A unidade da igreja é preservada não quando todos recebem ensino da mesma maneira, mas quando todos são edificados segundo a sua medida (Ef 4.15–16).

Assim, reconhecer métodos distintos de ensino não fragmenta o Corpo de Cristo; ao contrário, expressa o cuidado pastoral da igreja com cada um de seus membros.

O próprio apóstolo Paulo descreve o Corpo de Cristo como composto de membros diferentes, com funções distintas (1Co 12.12–27). Isso nos conduz ao entendimento que dentro da Unidade da igreja, nem todos vão receber o ensino da mesma forma, mas que todos devam receber o mesmo evangelho, de maneira adequada à sua capacidade.

Ensino diferenciado é na verdade a expressão da verdadeira unidade do Corpo.

❖ O culto público e seus limites pedagógicos

A Confissão de Fé Batista, no capítulo 22, trata do culto religioso e do Dia do Senhor, afirmando que o culto público é regulado pela vontade revelada de Deus e deve ser oferecido com reverência, ordem e temor santo. O culto é, antes de tudo, um encontro do povo de Deus com o próprio Deus, por meio dos meios ordinários da graça: leitura e pregação da Palavra, oração e louvor.

“Leitura das Escrituras, pregação, audição da Palavra, cânticos, oração e ordenanças” (CFB 1689, cap. 22.5)

Esse formato exige:

- Linguagem abstrata;
- Capacidade de reflexão teológica;

- Atenção prolongada;
- Processamento verbal complexo.

O culto público, portanto, não tem como finalidade primária a adaptação pedagógica, mas a adoração segundo os preceitos divinos. Embora seja formativo, ele não é estruturado para atender especificamente às limitações cognitivas da infância. Isso não torna a presença da criança no culto ilegítima, mas indica que o culto, por si só, não supre todas as necessidades formativas da criança.

Precisamos reconhecer que o limite pedagógico do culto público não diminui sua importância, mas preserva sua natureza bíblica e teológica.

Por isso, precisamos ter um bom entendimento, que forçar uma criança a absorver aquilo que ainda não tem estrutura cognitiva para compreender não é reverência, é se podemos dizer, uma violência pedagógica.

❖ O ensino infantil em espaço apropriado como prática bíblica

Diante dessa realidade, o ensino religioso infantil em espaço apropriado surge como uma resposta pastoral e confessionalmente legítima. Ele não substitui o culto público, nem o concorre, mas serve para à edificação das crianças de maneira adequada à sua capacidade de compreensão.

A Confissão de Fé Batista afirma que Deus utiliza meios ordinários para a edificação do Seu povo, entre eles a instrução fiel na Palavra. Adaptar a linguagem, o método e a abordagem não significam alterar a verdade ensinada, mas torná-la acessível.

O ensino infantil permite:

- Comunicação clara das verdades bíblicas;
- Introdução progressiva à doutrina cristã;
- Formação de hábitos espirituais;
- Preparação para a participação consciente no culto público.

Quando corretamente compreendido, esse ensino não é um ato de segregação (separação), mas sim, um ato de cuidado espiritual e responsabilidade pastoral.

Deus sempre ensinou seu povo de forma progressiva. Jesus falava às multidões em parábolas, mas explicava em particular aos discípulos (Mc 4.34). Paulo distinguia entre leite e alimento sólido (1Co 3.1–2). A própria ordem de Deuteronômio 6.6–7 mostra ensino adaptado ao cotidiano da criança.

Por isso, criar um espaço pedagógico apropriado não substitui o culto, mas prepara a criança para um dia compreendê-lo e amá-lo.

❖ Complementaridade ou Oposição?

Ensino infantil e culto público não competem. Eles na verdade devem se completar.

Biblicamente e confessionalmente, o ensino infantil e o culto público caminham juntos. O ensino explica o culto; o culto confirma o ensino. Um prepara, o outro consolida. Um adapta, a outra forma pela solenidade e pela comunhão.

Separar métodos não significa dividir a igreja, mas reconhecer que a edificação ocorre de forma progressiva. A criança que é ensinada adequadamente fora do culto é preparada para estar no culto com maior reverência, compreensão e participação, ainda que continue sendo criança.

Assim, o ensino separado não fragmenta a igreja, ele constrói pontes para o culto.

❖ Conclusão do capítulo

O ensino religioso infantil em espaço apropriado não é uma concessão moderna nem uma negação da unidade da igreja. Ele é uma prática coerente com as Escrituras e com a Confissão de Fé Batista, que reconhece tanto a centralidade do culto público quanto a necessidade de instrução adequada para cada estágio da vida.

Crianças fazem parte da comunidade da fé. A igreja é una, mas não uniforme em seus métodos. E o ensino infantil, quando orientado biblicamente, não afasta as crianças da igreja, mas as conduz, com sabedoria e amor, a centralidade de um culto de adoração a Deus e a vida comunitária do povo de Deus.



CAPÍTULO 2

A Criança na Teologia Bíblica e no Plano Redentor

Para compreender corretamente o lugar da criança na vida da igreja, é indispensável examinar como a própria Escritura a apresenta ao longo da história da redenção. A Bíblia não trata a criança como um “adulto em miniatura”, nem como um ser espiritualmente neutro ou irrelevante, mas como alguém em processo de formação, inserido no cuidado soberano de Deus e sob responsabilidade direta do Seu povo.

Este capítulo busca demonstrar que, desde a criação até a igreja primitiva, a criança ocupa um lugar real no plano redentor de Deus, sendo objeto de ensino, disciplina, promessa e cuidado espiritual.

❖ Crianças na criação e na queda

Na narrativa da criação, o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26–28). Essa dignidade não é adquirida com o amadurecimento, mas é inerente à natureza humana desde o início da vida. Assim, a criança participa plenamente dessa condição criacional, pois nasce como portadora da imago Dei, digna de dignidade, cuidado e instrução espiritual. E da mesma forma, a queda afeta também a infância, e a Bíblia é clara ao afirmar isso.

“Em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51.5)

A ordem de frutificar, multiplicar e encher a terra estabelece a família como ambiente primário da formação humana e espiritual. As crianças, portanto, surgem no contexto de um projeto divino de continuidade, responsabilidade e cuidado.

Com a queda (Gn 3), toda a humanidade passa a compartilhar da corrupção do pecado, incluindo as crianças. Isso não significa que elas sejam culpadas da mesma forma que adultos conscientes, mas que também necessitam da graça, da instrução e da direção divina.

A infância não pode ser considerada como um ponto de neutralidade espiritual, mas pelo contrário, deve ser considerado um campo de discipulado. Portanto, a educação cristã não é opcional, e sim uma resposta ao estado caído da humanidade.

❖ Crianças na história de Israel

Ao longo da história de Israel, as crianças nunca são tratadas como espectadores passivos da fé do povo, mas como herdeiras da aliança e alvo direto do ensino da Lei. Em diversas ocasiões, o povo é convocado a reunir homens, mulheres e filhos diante do Senhor (Dt 31.12–13), demonstrando que a formação espiritual abrangia toda a comunidade.

Os ritos, festas e memoriais de Israel possuíam um caráter pedagógico explícito. Perguntas feitas pelos filhos (“Que significa isto?”), eram oportunidades para transmitir os feitos do Senhor (Êx 12.26–27). A criança aprendia a fé não apenas por instrução verbal, mas por vivência comunitária e repetição histórica.

Essa prática revela que Deus sempre desejou um povo que ensinasse a fé de geração em geração, preservando a identidade espiritual por meio da instrução intencional.

❖ A instrução no Antigo Testamento

Dois textos são centrais para a compreensão bíblica da educação espiritual infantil.

Em **Deuteronômio 6.6–7**, o Senhor ordena que Suas palavras sejam ensinadas diligentemente aos filhos, no contexto da vida diária. O ensino não é episódico, mas contínuo, relacional e integrado à rotina familiar.

O **Salmo 78.1–7** reforça esse princípio ao afirmar que as obras do Senhor devem ser contadas às gerações futuras, para que os filhos coloquem sua confiança em Deus. O ensino tem como objetivo não apenas transmitir informação, mas formar fé, obediência e esperança.

Esses textos mostram que a criança é vista como alguém em processo, capaz de aprender progressivamente e de responder à instrução divina dentro de seus limites.

❖ Jesus e as crianças nos Evangelhos

Nos Evangelhos, a postura de Jesus em relação às crianças é profundamente reveladora. Em **Marcos 10.13–16**, Jesus não apenas permite que as crianças se aproximem, mas se indigna com aqueles que tentam impedi-las. Ele as toma nos braços e as abençoa, declarando que o Reino de Deus pertence aos que são como elas.

Essa declaração não idealiza a infância, mas destaca características como dependência, humildade e confiança. Jesus reconhece a criança como alguém que pode receber o Reino, ainda que não o compreenda plenamente.

Ao colocar uma criança no meio dos discípulos (**Mt 18.1–6**), Jesus ensina que a grandeza no Reino não está na posição, mas na postura. Assim, Ele atribui valor espiritual real à infância, sem ignorar sua condição de desenvolvimento.

❖ Crianças na igreja primitiva

A igreja primitiva herdou essa compreensão bíblica. Em **Efésios 6.4**, Paulo instrui os pais a criarem seus filhos na disciplina e admoestação do Senhor. A exortação pressupõe que as crianças estão inseridas no contexto da vida cristã e da comunidade da fé.

Da mesma forma, **Colossenses 3.20** dirige-se diretamente aos filhos, indicando que eles estavam presentes nas assembleias onde as cartas eram lidas. Isso reforça a ideia de que as crianças faziam parte da vida comunitária da igreja desde os seus primórdios.

Provérbios 22.6 resume esse princípio ao afirmar a importância de ensinar a criança no caminho em que deve andar reconhecendo tanto sua plasticidade formativa quanto a responsabilidade dos adultos.

❖ Conclusão do capítulo

A teologia bíblica apresenta a criança como alguém em formação espiritual, não como um adulto em miniatura nem como um ser à margem da fé. Desde a criação, passando pela história de Israel, pelo ministério de Jesus e pela igreja primitiva, as crianças são vistas como parte do povo de Deus e alvo direto de instrução, cuidado e discipulado.

Essa compreensão fundamenta a necessidade de práticas pedagógicas adequadas, que respeitem o desenvolvimento infantil sem diminuir a seriedade da fé. Ao reconhecer a criança como alguém em formação, a igreja honra o plano redentor de Deus e investe, com fidelidade bíblica, na edificação das futuras gerações.



CAPÍTULO 3

O Culto Público e sua Natureza Didática

O culto público ocupa um lugar central na vida da igreja cristã. Ele não é um evento opcional, nem um espaço moldado pelas preferências humanas, mas uma resposta obediente do povo de Deus à Sua revelação. Para compreender corretamente a relação entre culto público e ensino infantil, é necessário reconhecer tanto a natureza teológica do culto quanto seus limites pedagógicos.

Este capítulo busca demonstrar que o culto público é, sim, didático em sua essência, mas não foi instituído como um ambiente pedagógico adaptado a todas as fases do desenvolvimento humano. Essa distinção é fundamental para uma prática eclesial equilibrada, fiel às Escrituras e sensível à formação das crianças.

❖ O culto público segundo as Escrituras e a Confissão de Fé Batista

A Confissão de Fé Batista de 1689, em seu capítulo 22, afirma que o culto religioso deve ser regulado exclusivamente pela Palavra de Deus. Essa afirmação protege a igreja de transformar o culto em um produto cultural ou em uma experiência centrada no homem.

Segundo a Confissão, os elementos do culto incluem:

- A leitura pública das Escrituras;
- A pregação e a audição da Palavra de Deus;

SELO DA PROMESSA – MAYKON RIBEIRO

“Uso pessoal. Proibida reprodução ou compartilhamento — Lei 9.610/98.”

- A oração;
- O canto congregacional;
- A administração das ordenanças.

Como afirma a Confissão: “A leitura das Escrituras, a pregação e a audição da Palavra de Deus... são partes do culto religioso.” (CFB 1689, cap. 22.5)

Esses elementos revelam que o culto é estruturado em torno da Palavra revelada e visa à edificação espiritual do povo de Deus por meio dos meios ordinários da graça.

❖ A dimensão didática do culto público

O culto público possui, inevitavelmente, uma dimensão didática. A Palavra é lida, explicada, proclamada e aplicada. O povo aprende ao ouvir, cantar, orar e participar das ordenanças. O culto forma o entendimento, molda a cosmovisão e educa espiritualmente a igreja ao longo do tempo.

Entretanto, essa dimensão didática não equivale a um método pedagógico adaptado. O ensino no culto ocorre de forma expositiva, conceitual e progressiva, pressupondo familiaridade com categorias teológicas, linguagem simbólica e abstrações espirituais.

O culto não ensina por simplificação extrema, mas por repetição fiel da verdade. Ele forma não apenas pela compreensão imediata, mas pela exposição constante à Palavra, mesmo quando nem tudo é plenamente entendido.

❖ Pressupostos pedagógicos do culto público

O culto público pressupõe determinadas capacidades formativas que, embora adequadas para adultos e jovens em amadurecimento, não correspondem plenamente à realidade da primeira infância.

Entre esses pressupostos, destacam-se:

A. Linguagem abstrata

A pregação e as orações frequentemente utilizam conceitos como redenção, santificação, arrependimento, graça e aliança. Esses termos exigem um nível de abstração que a criança pequena ainda está desenvolvendo.

B. Capacidade de atenção prolongada

A leitura extensa das Escrituras, a exposição bíblica e os cânticos exigem concentração contínua. Crianças, especialmente em idade pré-escolar, aprendem de forma mais breve, interativa e concreta.

C. Compreensão teológica progressiva

O culto pressupõe um acúmulo gradual de conhecimento bíblico e doutrinário. A criança, contudo, encontra-se no início desse processo formativo, necessitando de mediação pedagógica adequada.

Esses fatores não tornam o culto inadequado, mas indicam que ele não foi desenhado como um ambiente didático infantil em sua estrutura principal.

❖ Os limites pedagógicos do culto e o cuidado pastoral

Reconhecer os limites pedagógicos do culto público não significa diminuir seu valor, mas honrar sua finalidade. O culto não existe primariamente para ensinar crianças, mas para glorificar a Deus segundo Sua vontade revelada.

Quando a igreja tenta adaptar excessivamente o culto à infância, corre o risco de comprometer sua solenidade e centralidade bíblica. Por outro lado, quando ignora completamente as limitações infantis, corre o risco de transformar a experiência do culto em um fardo para as crianças e para seus pais.

O cuidado pastoral exige discernimento. A igreja deve proteger o culto de descaracterizações e, ao mesmo tempo, proteger as crianças de exigências incompatíveis com seu estágio de desenvolvimento.

❖ O ensino infantil como reconhecimento da natureza do culto

Ensinar crianças em ambiente próprio não desvaloriza o culto público, mas reconhece sua natureza e finalidade. O ensino infantil atua como um espaço onde os elementos do culto são explicados, antecipados e contextualizados para a criança.

Nesse ambiente, a criança aprende:

- O significado da Bíblia e da pregação;
- O valor da oração e do louvor;

- A reverência diante de Deus;
- O lugar do culto na vida cristã.

Assim, o ensino infantil prepara a criança para participar do culto público com maior compreensão e respeito, mesmo enquanto permanece criança.

❖ Conclusão do capítulo

O culto público é didático, mas não pedagógico no sentido técnico. Ele forma pela exposição fiel à Palavra, pela comunhão do Corpo e pela repetição reverente dos meios da graça. Essas características são essenciais para a edificação da igreja, mas não correspondem plenamente ao estágio formativo infantil.

O ensino infantil em espaço apropriado não se opõe ao culto, mas o serve. Ele reconhece a natureza do culto, preserva sua integridade e cuida da formação espiritual das crianças. Quando o culto público e o ensino infantil caminham juntos, a igreja demonstra maturidade teológica, sensibilidade pastoral e fidelidade às Escrituras.



CAPÍTULO 4

Ensino Diferenciado como Princípio Bíblico

A prática de um ensino diferenciado dentro da comunidade da fé não é uma inovação moderna nem uma concessão à pedagogia secular. Trata-se de um princípio claramente revelado nas Escrituras, no qual Deus, ao longo da história da redenção, comunica Sua verdade de maneira progressiva, contextualizada e adequada à capacidade dos ouvintes.

Este capítulo demonstra que a adaptação do ensino não fragmenta o Corpo de Cristo, mas o fortalece, promovendo edificação mútua e crescimento espiritual conforme a medida de cada membro.

SELO DA PROMESSA – MAYKON RIBEIRO

“Uso pessoal. Proibida reprodução ou compartilhamento — Lei 9.610/98.”

❖ O ensino progressivo na revelação divina

A própria revelação bíblica é marcada por progressividade. Deus não comunica toda a plenitude de Sua vontade de uma só vez, mas revela Seus propósitos ao longo da história, conduzindo Seu povo de forma pedagógica.

Esse princípio se reflete na maneira como a verdade é ensinada dentro da comunidade da fé. O ensino não deve ser estático nem uniforme, mas deve acompanhar o nível de maturidade espiritual dos ouvintes. Essa progressividade respeita tanto a limitação humana quanto a sabedoria divina no processo formativo.

❖ Jesus e o ensino contextualizado

O ministério de Jesus fornece um exemplo claro de ensino diferenciado. Os Evangelhos registram que Ele falava às multidões por meio de parábolas, utilizando imagens simples e familiares, enquanto reservava explicações mais profundas aos discípulos em particular.

Marcos afirma: “E sem parábolas não lhes falava; tudo, porém, explicava em particular aos seus próprios discípulos.” Mc 4.34

Essa distinção não criava divisão, mas aprofundava a compreensão daqueles que estavam sendo preparados para maior responsabilidade. Jesus ajustava Sua comunicação sem alterar a verdade, demonstrando que a fidelidade doutrinária é plenamente compatível com a adaptação pedagógica.

❖ Leite e alimento sólido: maturidade espiritual e ensino

O apóstolo Paulo emprega uma metáfora pedagógica clara ao tratar da maturidade cristã. Em 1 Coríntios 3.1–2, ele afirma que precisou alimentar os crentes com “leite”, e não com “alimento sólido”, porque ainda não estavam prontos.

Essa distinção não é uma crítica ao ensino básico, mas uma constatação pastoral. O problema não está no leite, mas em permanecer nele indefinidamente. O ensino diferenciado, portanto, não é sinal de inferioridade espiritual, mas uma estratégia necessária para conduzir o crente ao amadurecimento.

Aplicado ao ensino infantil, esse princípio mostra que a adaptação é parte do cuidado espiritual, não uma concessão à imaturidade permanente.

❖ A responsabilidade dos pais e o ensino diligente

O ensino diferenciado também se manifesta de forma clara na responsabilidade atribuída aos pais. Em **Deuteronômio 6.6–7**, o Senhor ordena que Sua Palavra seja ensinada diligentemente aos filhos, no cotidiano da vida.

Esse ensino pressupõe proximidade, repetição, linguagem acessível e contextualização. Os pais não são chamados a reproduzir sermões formais, mas a ensinar de maneira compreensível e contínua, respeitando o estágio de desenvolvimento da criança.

Esse modelo doméstico reforça o princípio de que ensinar de forma adaptada não enfraquece a fé, mas a enraíza profundamente.

❖ Ensino diferenciado e a edificação do Corpo

A Confissão de Fé Batista de 1689, ao tratar da igreja no capítulo 26, afirma que os santos devem manter comunhão santa, edificando-se mutuamente no amor.

Como declara a Confissão: “Os santos devem manter comunhão santa... edificando-se mutuamente.” (CFB 1689, cap. 26.14)

A edificação mútua pressupõe comunicação eficaz. Não há edificação onde não há compreensão. Por isso, linguagem acessível e método apropriado não são opcionais, mas instrumentos necessários para que a verdade alcance o coração e a mente dos ouvintes.

Ensinar de forma diferenciada não fragmenta o Corpo de Cristo, mas reconhece sua diversidade e promove crescimento harmonioso. Cada membro é cuidado segundo sua medida, e todos avançam juntos em direção à maturidade em Cristo.

❖ Conclusão do capítulo

O ensino diferenciado é um princípio bíblico sólido, exemplificado na revelação progressiva de Deus, no ministério de Jesus, na prática apostólica e na instrução doméstica. Ele não altera a verdade, mas ajusta o caminho pelo qual essa verdade é comunicada.

Quando a igreja adota métodos de ensino adequados à infância, ela não cria divisões, mas fortalece o Corpo, promove edificação mútua e prepara seus membros para uma participação mais consciente e reverente na vida da fé.



CAPÍTULO 5

Pedagogia Cristã e Infância: Como as Crianças Aprendem e Por Que a Igreja Deve Respeitar Isso

A igreja, ao assumir sua responsabilidade de ensinar as crianças, precisa compreender não apenas o que ensinar, mas como ensinar. A pedagogia cristã não existe para substituir a teologia, nem para moldar a fé aos padrões da educação secular, mas para servir à transmissão fiel da verdade bíblica de forma compreensível e formativa.

Este capítulo demonstra que respeitar a maneira como as crianças aprendem é um ato de fidelidade teológica, não de concessão pragmática. Boa pedagogia serve à boa teologia, tornando a instrução mais eficaz sem comprometer o conteúdo da fé.

❖ O desenvolvimento cognitivo infantil e a formação espiritual

A infância é marcada por estágios progressivos de desenvolvimento cognitivo, emocional e linguístico. A criança não nasce com capacidade plena de abstração, raciocínio lógico complexo ou atenção prolongada. Essas habilidades são formadas gradualmente ao longo do crescimento.

A Escritura reconhece implicitamente essa realidade ao tratar a criança como alguém em formação. Textos como **Provérbios 22.6** pressupõem um processo contínuo de ensino e direcionamento, no qual a instrução acompanha o desenvolvimento do aprendiz.

Ignorar essas etapas e exigir da criança compreensão e comportamento próprios da maturidade adulta não fortalece a fé, mas pode gerar frustração, desinteresse ou rejeição ao ensino espiritual.

❖ Atenção, linguagem e abstração na infância

Crianças pequenas aprendem predominantemente por meio do concreto, do relacional e do repetitivo. Conceitos abstratos — como justiça, redenção ou santidade — precisam ser apresentados por meio de histórias, imagens e exemplos que façam sentido dentro do universo infantil.

A linguagem utilizada no ensino precisa ser clara, simples e objetiva, sem ser superficial. Simplificar a linguagem não significa empobrecer o conteúdo, mas torná-lo acessível. A teologia permanece a mesma; o caminho pedagógico é que se adapta.

Além disso, a capacidade de atenção da criança é limitada e variável. O ensino eficaz considera tempos mais curtos, atividades diversificadas e participação ativa, favorecendo a assimilação gradual da verdade bíblica.

❖ O papel da repetição e da narrativa bíblica

A Bíblia utiliza amplamente a repetição como instrumento pedagógico. Em **Deuteronômio 6** e no **Salmo 78**, o ensino da fé ocorre por meio da repetição constante das obras e mandamentos do Senhor, transmitidos de geração em geração.

A narrativa bíblica, especialmente, ocupa lugar central na formação espiritual infantil. Histórias não apenas comunicam fatos, mas constroem significado, identidade e memória. Por meio das narrativas bíblicas, a criança aprende quem Deus é, o que Ele fez e como Seu povo deve viver.

A repetição não é sinal de estagnação, mas de consolidação. Ela forma hábitos, fixa verdades e prepara o terreno para compreensões mais profundas no futuro.

❖ Música, visualidade e participação no ensino cristão

A música é um recurso poderoso na pedagogia cristã. Canções bíblicas ajudam a memorizar verdades, internalizar doutrina e expressar fé de maneira acessível. O próprio culto utiliza o canto como meio de instrução e adoração, o que legitima seu uso no ensino infantil.

A visualidade também desempenha papel importante. Recursos visuais auxiliam a compreensão, especialmente em idades em que a linguagem verbal ainda está em desenvolvimento. Esses recursos, quando bem utilizados, servem à Palavra, não a substituem.

A participação ativa da criança — ouvir, cantar, responder, repetir, dramatizar — fortalece o aprendizado. A criança não aprende apenas como espectadora, mas como participante do processo formativo.

❖ **Pedagogia básica a serviço da teologia reformada da instrução**

A teologia reformada sempre valorizou a instrução como meio ordinário da graça. Catecismos, confissões e exposições bíblicas demonstram o compromisso histórico da igreja com o ensino sistemático da fé.

A pedagogia básica, quando corretamente compreendida, não se opõe a essa tradição, mas a serve. Ela oferece ferramentas para comunicar a verdade de forma eficaz, respeitando o desenvolvimento humano sem diluir o conteúdo teológico.

Boa pedagogia não substitui a obra do Espírito Santo, nem redefine a doutrina. Ela apenas remove obstáculos desnecessários à compreensão, permitindo que a Palavra seja recebida com clareza e reverência.

❖ **Conclusão do capítulo**

A igreja é chamada a ensinar fielmente a Palavra de Deus às crianças, respeitando o modo como elas aprendem. Ignorar os princípios básicos da pedagogia não é sinal de fidelidade, mas de negligência pastoral.

Quando boa pedagogia serve à boa teologia, a instrução cristã torna-se mais eficaz, profunda e duradoura. Assim, a igreja honra a Deus, cuida das crianças e investe, com sabedoria e responsabilidade, na formação espiritual das próximas gerações.



CAPÍTULO 6

Escola Bíblica Infantil na Tradição Batista

História, Prática e Propósito

A Escola Bíblica Dominical Infantil não é um produto da modernidade secular, nem uma adaptação pragmática às pressões culturais. Ela nasceu da convicção histórica da igreja cristã, especialmente na tradição batista, de que a instrução bíblica é um meio essencial de edificação, discipulado e preservação da fé.

O ensino infantil estruturado faz parte da identidade batista, estando profundamente enraizado na teologia da Palavra, na prática do discipulado e na responsabilidade da igreja local diante das novas gerações.

❖ O surgimento da Escola Bíblica e sua finalidade espiritual

A Escola Bíblica Dominical surgiu no contexto do cristianismo protestante como uma resposta pastoral à ignorância bíblica crescente, especialmente entre crianças e jovens. Seu propósito não era substituir o culto, mas oferecer instrução sistemática nas Escrituras.

Desde o início, a EBD foi concebida como um ministério de ensino, catequese e formação espiritual. Ela reconhece que a fé cristã precisa ser ensinada de forma contínua, estruturada e acessível, para que a Palavra seja compreendida, memorizada e aplicada.

Essa ênfase está em harmonia com o testemunho bíblico de que a fé é transmitida por meio da instrução fiel de geração em geração.

❖ A ênfase batista na instrução bíblica

Os batistas sempre defenderam que a Bíblia é a única regra de fé e prática (**sola Scriptura**). Essa convicção produz, inevitavelmente, uma ênfase no ensino. Onde a Escritura é central, a instrução é indispensável.

Ao longo da história batista, a alfabetização, o ensino bíblico, o catecismo e a pregação expositiva ocuparam lugar central na vida da igreja. Isso inclui, naturalmente, as crianças.

O apóstolo Paulo escreve a Timóteo:

“E que desde a infância sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus.” 2 Timóteo 3.14–15

Esse texto demonstra que a formação espiritual desde cedo não é apenas desejável, mas poderosa e eficaz.

❖ Catequese, discipulado e formação infantil

A tradição cristã sempre utilizou a catequese como instrumento de formação doutrinária. Catequizar significa instruir de forma sistemática, progressiva e memorável. Isso se aplica de maneira especial à infância.

A Escola Bíblica Infantil cumpre essa função catequética, apresentando às crianças:

- A história da redenção;
- Os atributos de Deus;
- Os fundamentos da fé cristã;
- Os mandamentos do Senhor;
- A vida em Cristo.

Esse processo não transforma a criança automaticamente em um cristão regenerado, mas a coloca sob a luz da verdade, preparando o terreno para a obra do Espírito Santo.

❖ A responsabilidade da igreja local

A formação espiritual das crianças não é apenas uma tarefa da família, mas também da igreja. O **Salmo 78** afirma:

“Não os encobriremos aos seus filhos, mostrando à geração futura os louvores do Senhor, assim como a sua força e as maravilhas que fez.”
Salmo 78.4

A igreja local é chamada a ser uma comunidade de ensino, onde as verdades de Deus são transmitidas, preservadas e vividas. A Escola Bíblica Infantil é uma expressão prática dessa responsabilidade coletiva.

Ela deve oferecer:

- Continuidade no ensino;
- Supervisão doutrinária;
- Apoio às famílias;
- Integração da criança à vida da igreja.

❖ Conclusão do capítulo

A Escola Bíblica Infantil não é uma concessão cultural, mas uma expressão histórica e teológica da identidade batista. Ela reflete a convicção de que a Palavra de Deus deve ser ensinada desde a infância, de forma sistemática, fiel e pastoralmente sensível.

Ao investir no ensino infantil estruturado, a igreja honra sua herança confessional, fortalece seu presente e prepara, com sabedoria bíblica, as próximas gerações para viverem diante de Deus e de Sua Palavra.



CAPÍTULO 7

Pais e Igreja, Responsabilidade Compartilhada Bíblica Quem é Responsável pela Formação Espiritual?

A formação espiritual das crianças nunca foi, nas Escrituras, uma tarefa isolada. Deus estabeleceu dois instrumentos principais para essa obra: a família e a igreja. Quando um desses polos é enfraquecido, toda a estrutura de discipulado se torna frágil. O ensino infantil saudável nasce da cooperação entre ambos, não da competição nem da terceirização.

❖ O papel dos pais

A responsabilidade primária pela formação espiritual das crianças é dada por Deus aos pais. Isso está explicitamente revelado em **Deuteronômio 6.6–9**, onde o Senhor ordena que sua Palavra seja ensinada aos filhos “**sentado em casa, andando pelo caminho, ao deitar e ao levantar**”. Isso descreve uma pedagogia espiritual contínua, integrada à vida diária. O Novo Testamento reafirma esse princípio. O Apóstolo Paulo ordena.

“Pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor.” Efésios 6.4,

A criação espiritual dos filhos não é opcional, nem delegável. Os Pais foram chamados a ser os primeiros catequistas, os primeiros exemplos de oração, leitura bíblica, arrependimento e fé. A igreja nunca irá substituir essa função, seu objetivo é auxiliar-la e fortalece-la.

❖ O papel da igreja

Embora os pais tenham a responsabilidade primária, Deus nunca planejou que eles caminhassem sozinhos. A igreja é a família espiritual que deve sustentar, instruir e proteger. Como já falamos anteriormente, a Confissão de Fé Batista de 1689 no capítulo 26 vai afirmar, que a igreja existe para a edificação dos santos por meio da Palavra, da comunhão e da disciplina. Isso inclui também os filhos dos crentes, que estão sob o cuidado pastoral da comunidade.

A igreja deve fornecer:

- Ensino sistemático da Palavra;
- Modelos espirituais;
- Disciplina amorosa;
- Ambiente de adoração e reverência.

O ensino infantil estruturado não é um concorrente da família, mas um instrumento de auxílio dado por Deus.

❖ Cooperação, não terceirização

Um dos grandes erros que parte tanto dos pais como da igreja é a questão do deslocamento de responsabilidades. Alguns pais terceirizam a educação espiritual dos filhos, acreditando ser de responsabilidade da igreja essa educação. Enquanto que algumas igrejas tratam a educação espiritual das crianças como se fossem responsabilidade exclusiva dos pais. Podemos considerar ambas as posições como antibíblicas.

Precisamos compreender que a formação espiritual é pactual, e não contratual. Dessa maneira pais e igreja devem caminhar juntos, porque ambos pertencem à mesma aliança. Quando a igreja ensina, ela coopera com os pais. Quando os pais ensinam, eles caminham dentro da vida da igreja.

Então, dessa forma, ao olharmos para a escola bíblica infantil, à vemos não como uma substituta do lar cristão, mas sim como uma extensão dele.

❖ Ensino no lar e na igreja

Esses dois ambientes são pedagogicamente distintos, mas espiritualmente inseparáveis. Uma criança que é ensinada apenas em casa terá fé frágil; uma criança ensinada apenas na igreja terá fé desconectada da vida.

Vamos observar a importância de cada uma delas.

- O lar é o campo da aplicação diária.
- A igreja é o campo da instrução comunitária.
- No lar, a criança vê a fé vivida.
- Na igreja, ela aprende a fé proclamada.
- No lar, ela aprende a orar.
- Na igreja, aprende a orar com outros.
- No lar, aprende a obedecer.
- Na igreja, aprende a servir.

Deus ordenou ambos. Quando lar e igreja caminham juntos, a fé da criança cria raízes profundas e dá frutos duradouros. O que é aprendido na igreja encontra vida no lar, e o que é vivido no lar encontra direção na igreja. Assim, Deus forma não apenas crianças que conhecem a Palavra, mas discípulos que vivem para a Sua glória.

❖ Conclusão do Capítulo

A responsabilidade pela formação espiritual das crianças não pertence exclusivamente nem aos pais nem à igreja, pertence à aliança entre ambos. Quando pais e igreja cooperam, as crianças crescem com raízes profundas, linguagem bíblica clara e identidade cristã sólida.

Essa é a verdadeira pedagogia do Reino. 



CAPÍTULO 8

Unidade da Igreja e Maturidade Cristã

❖ Crescendo no Corpo até o Culto Consciente

A igreja não é um conjunto de indivíduos em diferentes salas, mas um corpo em crescimento. A maturidade cristã não surge instantaneamente; ela é formada por meio de ensino, prática e participação progressiva. O ensino infantil existe justamente para conduzir a criança, passo a passo, ao centro da vida da igreja: o culto público.

❖ Quando e como integrar crianças ao culto

A Bíblia apresenta a vida cristã como um processo de crescimento: “até que todos cheguemos... à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13)

Crianças não são excluídas desse caminho, mas elas percorrem esse caminho de modo progressivo. Integrar crianças ao culto não é simplesmente colocá-las em um banco — é prepará-las para entender o que está acontecendo.

Isso significa que, à medida que crescem:

- Elas aprendem o significado da oração
- Compreendem o porquê dos cânticos
- Entendem o que é a pregação
- Reconhecem a santidade da assembleia

A integração ao culto deve acontecer com formação, não por imposição.

❖ Transição pedagógica

Entre o ensino infantil e o culto público deve existir uma ponte pedagógica. A criança precisa ser conduzida de um ambiente altamente visual e narrativo para um ambiente mais verbal, reflexivo e abstrato.

Isso ocorre por meio de:

- Classes intermediárias
- Participação ocasional no culto
- Explicação do que acontece no culto
- Exposição gradual à liturgia

Essa transição evita dois extremos: crianças entediadas no culto e adolescentes espiritualmente imaturos.

❖ Ensino da reverência

Reverência não nasce automaticamente — ela é ensinada. Por isso, no ensino infantil, a criança deve aprender que:

- Deus é santo
- A Palavra é especial
- O momento do culto é distinto
- O silêncio também é adoração

Isso cria categorias internas que, mais tarde, fazem o culto público deixar de ser estranho e passar a ser familiar e amado.

Uma criança que aprende reverência no ensino infantil tende a respeitar o culto quando estiver nele.

❖ Preparação para participação plena

O objetivo final do ensino infantil não é manter a criança fora do culto, mas prepará-la para participar dele plenamente.

Efésios 4.11–16, mostra que Deus deu mestres à igreja para conduzir os santos à maturidade. As crianças fazem parte desse “até que”.

O ensino infantil constrói:

- Vocabulário teológico
- Compreensão bíblica

- Hábito de adoração
- Identidade cristã

Quando essa criança entra no culto público, ela não entra como estrangeira, mas como alguém que se sente como parte desta família de Cristo.

❖ Conclusão do Capítulo

Ensino infantil e culto público não são rivais. Eles são etapas do mesmo caminho. A criança é formada no ensino para que possa florescer no culto. E o culto recebe essa criança como alguém que já ama aquilo que está ali.

Essa é a pedagogia da unidade. 🙏



CONCLUSÃO GERAL

Ensinar é amar, formar é pastorear

Ao longo deste e-book, vimos que a discussão sobre crianças no culto e no ensino infantil não é uma questão de preferência, cultura ou conveniência — é uma questão teológica, bíblica e pastoral. A forma como a igreja trata suas crianças revela o que ela realmente crê sobre a aliança, a igreja e o discipulado.

❖ Síntese Teológica

A Escritura apresenta a criança como:

- Criada à imagem de Deus
- Afetada pela queda

SELO DA PROMESSA – MAYKON RIBEIRO

“Uso pessoal. Proibida reprodução ou compartilhamento — Lei 9.610/98.”

- Incluída no plano redentor
- Alvo da instrução pactual

Deus nunca tratou a infância como um **“tempo neutro”**, mas como o terreno onde a fé deve ser plantada. O ensino progressivo, contextualizado e repetitivo não é concessão moderna — é método bíblico.

A Confissão de Fé Batista de 1689 sustenta que a igreja existe para edificar os santos por meio da Palavra e da comunhão. Crianças, como parte do povo visível de Deus, precisam dessa edificação de modo apropriado à sua condição.

Separar crianças para ensino não rompe a unidade do Corpo. Ao contrário: protege a integridade do culto e a formação da próxima geração da igreja.

❖ Apelo Pastoral

A pergunta que este livro deixa para cada igreja não é: **“Devemos permitir crianças no culto?”**

Mas: **“Estamos formando crianças para amar o culto?”**

Quando crianças são negligenciadas, a igreja está, silenciosamente, cavando o próprio futuro. Onde não há discipulado infantil, haverá membros superficiais, fé frágil e adoração vazia.

Ensinar crianças é um ato de amor. Organizar esse ensino é um ato de sabedoria. Assumir essa responsabilidade é um ato de fidelidade ao Reino.

Cada sala de escola bíblica é um campo missionário. Cada professor discipulador. Cada criança é uma alma eterna.

❖ Visão de Longo Prazo da Igreja

As Igrejas precisam investir na formação espiritual das crianças, o foco aqui não deve ser se há ruído ou não no culto, mas sim que esta Igreja está construindo gerações de crentes maduros.

A criança bem ensinada hoje é:

- O membro fiel de amanhã
- O adorador consciente do futuro

- O líder que ainda não sabemos o nome

Quando a igreja forma suas crianças, ela está dizendo: **“Nós cremos que mesmo que se passe 50 a 70 anos, essa nova geração ainda estará adorando a Deus.”**

Ensinar é amar. Formar é pastorear. E pastorear crianças é cuidar do amanhã do Corpo de Cristo.



APÊNDICE I

A Confissão de Fé Batista de 1689

E a Formação Espiritual das Crianças

Este e-book não nasce de uma preocupação meramente pedagógica, mas de uma convicção confessional. A Confissão de Fé Batista de 1689, ainda que não trate de um **“ministério infantil”** nos moldes modernos, fornece fundamentos sólidos para a instrução espiritual das crianças dentro da igreja e da família.

1º - A Igreja como Comunidade de Edificação

A Confissão ensina: **“A igreja... é o corpo de Cristo... edificando-se mutuamente.”** (CFB 1689, cap. 26.1)

A igreja existe para edificar todos os seus membros. Crianças, como parte da comunidade visível dos lares crentes, estão incluídas nesse cuidado. Se a edificação exige ensino, então negar instrução às crianças é negar-lhes aquilo para o qual a igreja foi instituída.

Ensino infantil não é inovação — é aplicação do princípio confessional da edificação.

SELO DA PROMESSA – MAYKON RIBEIRO

“Uso pessoal. Proibida reprodução ou compartilhamento — Lei 9.610/98.”

2º - O Culto e a Centralidade da Palavra

A Confissão afirma: **“A leitura das Escrituras, a pregação e a audição da Palavra de Deus... são partes do culto religioso.”** (CFB 1689, cap. 22.5)

O culto público é Palavra em forma litúrgica. Isso exige compreensão, atenção e formação espiritual. A própria estrutura do culto pressupõe ouvintes capazes de receber instrução verbal e abstrata.

Portanto, preparar crianças por meio de ensino apropriado não enfraquece o culto — protege sua natureza didática.

3º - A Família como Instituição Espiritual

A Confissão ensina que o casamento e a família foram ordenados por Deus **(cap. 24)**. Isso implica que o lar não é apenas uma unidade social, mas um espaço de discipulado.

Pais são responsáveis por instruir seus filhos na fé, e quando a igreja fornece um ensino bíblico estruturado, ela não substitui o lar — ela o auxilia a cumprir seu chamado confessional.

4º - Os Meios de Graça e a Formação

A Confissão reconhece que Deus utiliza meios para transmitir graça: a Palavra, a oração, a comunhão e o ensino **(caps. 14, 21 e 22)**.

Crianças, ainda que em desenvolvimento, também são alcançadas por esses meios quando apresentados de forma adequada. O ensino infantil é simplesmente a administração dos meios de graça em forma pedagógica.

5º - Edificação, Ordem e Sabedoria

A Confissão ensina que tudo na igreja deve ser feito **“para edificação”** e **“de modo ordenado”** (cap. 26).

Separar crianças para ensino:

- Edifica as crianças
- Preserva a ordem do culto

- Protege a maturidade da igreja

Isso não é pragmatismo — é obediência confessional.

❖ Conclusão

A Confissão de Fé Batista de 1689 não apenas permite o ensino infantil — ela o exige por seus princípios.

Ensinar crianças é:

- Obedecer à doutrina da igreja
- Honrar os meios de graça
- Cumprir o chamado pastoral
- Preservar o futuro do Corpo de Cristo

Onde há confissão verdadeira, há formação fiel.



APÊNDICE II

Sugestão de Currículo Infantil Confessional

O ensino infantil em uma igreja batista confessional não deve ser aleatório, recreativo ou desconectado da teologia da igreja. Ele deve ser bíblico, progressivo e catequético, conduzindo a criança ao conhecimento de Deus, de si mesma e do evangelho.

Este currículo sugerido está organizado por faixas etárias, respeitando o desenvolvimento cognitivo e espiritual da criança.

SELO DA PROMESSA – MAYKON RIBEIRO

“Uso pessoal. Proibida reprodução ou compartilhamento — Lei 9.610/98.”

1º - Faixa: 3 a 5 anos — Fundamentos da Fé

Objetivo:

- Criar consciência de Deus, da Bíblia e do amor de Cristo.

Ênfases:

- Deus é Criador
- Deus é bom
- Jesus me ama
- A Bíblia é a Palavra de Deus
- Deus ouve quando oro

Métodos:

- Histórias bíblicas narrativas
- Músicas teológicas simples
- Figuras e repetição
- Orações curtas

Resultado esperado:

- A criança desenvolve familiaridade com Deus, com a Bíblia e com a igreja.

2º - Faixa: 6 a 8 anos — História da Redenção

Objetivo:

- Apresentar a narrativa bíblica como um todo.

Ênfases:

- Criação
- Queda
- Promessa

SELO DA PROMESSA – MAYKON RIBEIRO

“Uso pessoal. Proibida reprodução ou compartilhamento — Lei 9.610/98.”

- Jesus como Salvador

- Obediência

Métodos:

- Linha do tempo bíblica
- Perguntas e respostas
- Leitura bíblica curta
- Memorização

Resultado esperado:

- A criança entende que a Bíblia conta uma grande história sobre Deus salvando pessoas.

3° - Faixa: 9 a 11 anos — Fundamentos Doutrinários

Objetivo:

- Introduzir doutrina cristã de forma simples.

Ênfases:

- Quem é Deus
- O que é pecado
- Quem é Jesus
- O que é salvação
- O que é a igreja

Métodos:

- Catecismo infantil
- Leitura bíblica guiada
- Discussão
- Aplicação prática

Resultado esperado:

- A criança começa a articular sua fé em palavras.

4º - Faixa: 12 a 14 anos — Preparação para o Culto

- **Objetivo:** Preparar o aluno para integração plena no culto público.

Ênfases:

- Estrutura do culto
- O que é pregação
- Como ler a Bíblia
- O que é oração pública
- Doutrinas básicas

Métodos:

- Aulas expositivas
- Observação do culto
- Perguntas e reflexão
- Leituras bíblicas maiores

Resultado esperado:

- O adolescente entra no culto como participante consciente, não como espectador.

❖ Conclusão

Um currículo confessional não visa apenas transmitir informações, mas formar uma identidade cristã. Ele conduz a criança do **“Deus me ama”** ao **“Eu pertencço a Cristo e à Sua igreja”**.



APÊNDICE III

Orientações para Professores de Ensino Infantil

O professor de crianças na igreja não é um recreador, nem um animador. Ele é, biblicamente, um ministro da Palavra em forma pedagógica. Seu papel é semear o evangelho em corações em formação.

1º - Chamado espiritual do professor

Ensinar crianças é ministério santo. Jesus afirmou: **“Quem receber uma destas crianças em meu nome, a mim me recebe.”** (Mc 9.37)

Isso significa que o professor lida com almas eternas. Ele deve:

- Ter vida de oração
- Amor pela Palavra
- Compromisso com a igreja
- Reverência pelo que ensina

Nenhuma habilidade pedagógica substitui a piedade.

2º - Centralidade da Bíblia

O professor não ensina valores genéricos — ele ensina revelação divina.

Cada aula deve conter:

- Texto bíblico
- Explicação
- Aplicação

Mesmo para os pequenos, a Bíblia deve ser apresentada como a autoridade.

3° - Linguagem apropriada

O professor deve traduzir a teologia sem distorcê-la. Isso significa:

- Frases curtas
- Conceitos concretos
- Ilustrações bíblicas
- Repetição

Simplificar não é empobrecer — é tornar acessível.

4° - Postura pastoral

O professor infantil:

- Ouve
- Corrige
- Ora
- Encoraja

Ele representa a igreja para aquela criança. Muitas crianças lembrarão de Deus por causa da forma como foram tratadas nesse ambiente.

5° - Cooperação com os pais

O professor nunca compete com o lar. Ele deve:

- Informar o que está ensinando
- Incentivar leitura em casa
- Orar pelas famílias
- Apoiar os pais

Ensino infantil saudável cria pontes, não muros.

❖ Conclusão

Quem ensina crianças molda o futuro da igreja. Poucos ministérios são tão estratégicos quanto este.



APÊNDICE IV

Orientações para Pais Cristãos

A igreja ensina, mas o lar forma. A escola bíblica instrui, mas a casa discipula.

Deus confiou aos pais uma das tarefas mais sagradas do Reino: formar almas para a eternidade.

1º - Os pais são os primeiros mestres

Antes que a criança conheça o pastor, ela conhece o pai. Antes que ela ouça o professor, ela observa a mãe.

Deuteronômio 6.6–7, mostra que o ensino espiritual começa no cotidiano. A fé é transmitida no tom da voz, na forma de reagir, nas escolhas diárias. Nenhum currículo da igreja pode substituir um lar piedoso.

2º - Use o ensino da igreja como ferramenta

Pergunte à criança:

- O que você aprendeu hoje?
- Qual história da Bíblia você ouviu?

SELO DA PROMESSA – MAYKON RIBEIRO

“Uso pessoal. Proibida reprodução ou compartilhamento — Lei 9.610/98.”

- Sobre quem você cantou?

Leia o texto novamente em casa. Ore sobre ele. Conecte o que ela aprendeu à vida real. Isso transforma a aula em discipulado contínuo.

3° - Prepare seus filhos para o culto

Explique:

- O que é o culto
- Por que cantamos
- Por que ouvimos a Palavra
- Por que ficamos atentos

A criança que entende o propósito respeita o momento.

4° - Modele a fé

Seu filho aprende mais com o que você faz do que com o que você diz.

- Leia a Bíblia.
- Ore.
- Ame a igreja.
- Honre o culto.

Isso forma a alma.

❖ Conclusão Final

Quando pais, professores e igreja caminham juntos, a criança cresce cercada pela Palavra, pela oração e pelo amor.

Essa é a verdadeira educação cristã. 